

**DESEMARANHANDO REDES DE SOCIABILIDADE: UMA REFLEXÃO
HISTÓRICA A PARTIR DA REVISTA ESCOLA NOVA¹**

Luiz Fernando Rocha Fernandes

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História

Universidade Estadual de Montes Claros

luizfernando338991@hotmail.com

Resumo

A História Social nos permite buscar formular hipóteses profícuas e específicas acerca da ligação entre diversos grupos sociais, onde é possível perscrutar as relações que até então estavam relegadas a um ambiente ocluso, como por exemplo, uma associação, uma editora, ou uma revista. Assim sendo propomos neste artigo, a desemaranhar as redes de sociabilidade constituídas por meio das ações de intelectuais que participaram do movimento Escola Nova e que contribuíram para a *Revista Escola Nova 1930-1931*. Analisaremos a sessão “Através das Revistas e Jornais”, buscando compreender o discurso dos intelectuais, o posicionamento dos periódicos utilizados para corroborar com o ideário escolanovista e por fim esclarecer as redes constituídas por essas ações.

Palavras-chave: História Social; Intelectual; Revista.

Introdução

No início da década de 1970, Erick Hobsbawm apresentou em um artigo a dificuldade de definição do termo “História Social”. Entre os impasses para tal, estava a falta de interesses das instituições e profissionais que insistiam em demarcações precisas. Para essa questão ele sugeriu três sentidos, que sobrepõe algumas vezes a terminologia: no primeiro sentido, a história social estava-se referindo a história dos movimentos sociais, onde atraía diversos historiadores, em um segundo sentido o termo foi

¹ Este artigo integra uma pesquisa em andamento, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Cujo objetivo é analisar o movimento escolanovista no Brasil tendo as práticas de mediação cultural desenvolvidas pelos intelectuais que contribuíram para a publicação da *Revista Escola Nova 1930-1931*.

apresentado como uma visão residual da história social, e por fim, no terceiro sentido o qual é mais apreciado pelos historiadores sociais, o que decorre da incorporação dos Annales.

O empreendimento de Lucien Febvre e Marc Bloch ao fundar a revista “Annales d’Histoire Economique et Sociale” foi o marco simbólico para o surgimento da Escola dos Annales que veio a contrapor a história tradicional dos grandes fatos e dos grandes homens.

A autora Hebe Castro assinalava que, “a história social passa a ser encarada como perspectiva de síntese, como reafirmação do princípio de que, em história, todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interligam” (1997, p. 42).

Nesta intersecção de níveis da historiografia a história social vem ganhando destaque devido a flexibilização do seu campo, no entanto, ao delimitarmos um ponto de partida para análise da história social, corroboramos com o pensamento de José D’Assunção Barros ao afirmar que,

é preciso ter em vista, inicialmente, que estas dimensões a serem definidas como ‘instâncias da realidade social’ são em todos os casos construções do historiador, contendo a sua parcela de arbitrariedade e a sua possibilidade de flutuações ao longo do desenvolvimento da história do pensamento historiográfico. A cada novo período da historiografia, uma dimensão pode como que se desprender da outra, ou então duas dimensões que antes andavam separadas podem voltar a se juntar (BARROS, 2005, p. 5).

Em todo caso, a história social nos permite buscar formular problemas históricos profícuos e específicos acerca da ligação entre diversos grupos sociais, onde é possível perscrutar as relações que até então estavam relegadas a um ambiente ocluso, como por exemplo, uma associação, uma editora, ou uma revista.

Assim sendo propomos neste artigo, a desemaranhar as redes de sociabilidade constituídas em uma sessão da Revista Escola Nova, chamada “Através das Revistas e Jornais”, buscando compreender qual o nexos existente entre autores do periódico, e se é possível relacionar essa existência ao movimento escola nova que era defendido por agentes sociais no Brasil na década de 1930.

Na primeira parte do artigo, discutiremos a utilização da história social como força motriz da historiografia que visa os sujeitos sociais, suas relações e sua utilização, na

segunda parte discorreremos sobre o movimento escolanovista, e por fim na terceira parte apresentaremos as redes de sociabilidade formadas no através do periódico.

Uso ou desuso da história social?

Nesta primeira parte do artigo propomos a responder esse questionamento acerca da história social, sem pretensão em cravar alguma certeza, mas convictos da necessidade de problematizar esse campo da historiografia. Sabemos da multiplicidade de sentidos e de expressões que circunscrevem a história social, fazendo “uma espécie de categoria transcendente que acaba perpassando ou mesmo englobando todas as outras especialidades da História”, já acentuava Barros (2005, p.12).

Durante a graduação em História um aluno questiona seu professor acerca da relevância das ciências sociais para a disciplina que cursa, entendendo ele que não havia necessidade daquele conteúdo que estava sendo ministrado (neste caso a aula em questão era de Sociologia da Educação), pode parecer apenas um desconhecimento por parte do aluno da importância das ciências sociais para a historiografia do século XX, mas atemos a elucubração dessa questão.

Não faz parte da nossa asserção neste trabalho delinear o surgimento das ciências sociais no Brasil e nem a sua relação com a historiografia da educação, mas para compreendermos a importância da sociologia, partimos da definição proposta por Max Weber, de que a sociologia constrói conceitos de tipos e procura regras gerais dos acontecimentos, assim sendo,

é uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos. Por ação entende-se, neste caso, um comportamento humano, sempre que e na medida em que o agente ou agentes o relacionam com um sentido subjetivo. A ação “social”, por sua vez, significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso (WEBER, 2000, p. 3).

A ação social a qual Weber conceitua, orienta-se pelo comportamento de sujeitos (esses podendo ser indivíduos conhecidos ou ser uma multiplicidade indeterminada de

pessoas completamente desconhecidas) podendo ser determinada de modo racional, referente a fins, meios e consequências secundárias, assim permitindo uma compreensão ampla da participação desses sujeitos.

O historiador britânico Peter Burke em seu livro “História e Teoria Social” nos apresenta o desejo por conhecer o seu objeto de pesquisa antes de escrever sobre ele, por isso aceita um convite para ministrar uma disciplina chamada “Estrutura Social e mudança social”, assim poderia conhecer a sociedade, a qual destina uma vasta biografia com dezenas de livros escritos. Nesse em especial, Burke propõe a responder duas questões, a primeira refere a utilidade da teoria social para os historiadores, e a segunda sobre a utilidade da história para os teóricos sociais?”, estas indagações foram utilizadas na construção dessa obra, onde em síntese percebemos que os,

historiadores e sociólogos nem sempre tem mantido a política da boa vizinhança [mas sem dúvida] é inegável que são vizinhos intelectuais no sentido de que os praticantes de ambas as disciplinas estão interessados na sociedade vista como um todo e no comportamento humano em geral (BURKE, 2002, p. 12).

Um dos expoentes da segunda geração dos Annales, Fernand Braudel, escreve um artigo para a Revista Tratado de Sociologia, da França em 1958, onde apresenta uma série de proposições acerca da História e Sociologia, e de como estas ciências humanas se relacionam, mas alerta aos leitores ávidos por uma resolução dessa peleja que,

é inútil esperar encontrar aqui resposta, ou sequer uma tentativa de resposta, às habituais perguntas sobre as relações entre história e sociologia; ou um seguimento à querela, sempre retomada e sempre diferente, entre estes vizinhos que não podem ignorar-se nem conhecer-se perfeitamente e que, nas suas disputas, quando se definem, o fazem sempre unilateralmente. Há falsas polêmicas, como há falsos problemas. Em todo o caso, o diálogo entre o sociólogo e o historiador é quase sempre um falso diálogo (BRAUDEL, 1965, p. 11).

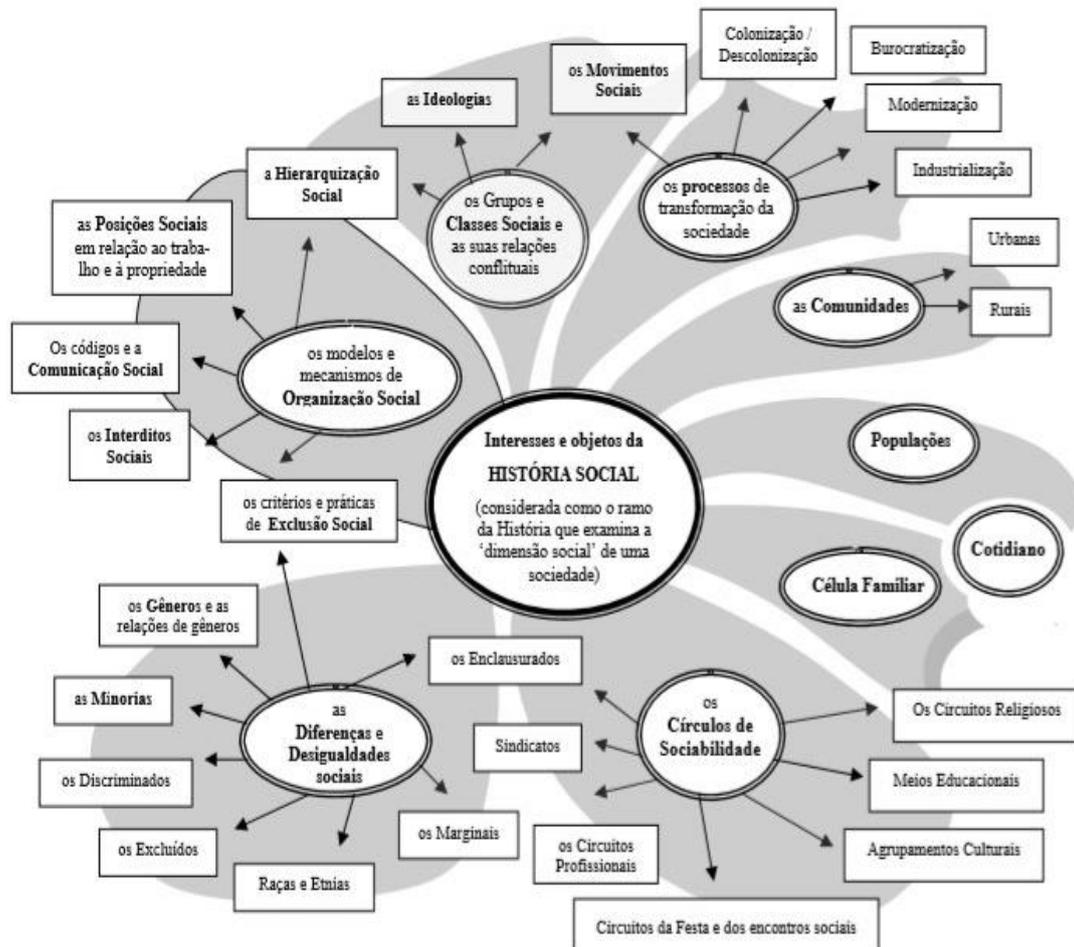
Neste mesmo ano, Braudel pública na Revista dos Annales, o artigo “História e Ciências Sociais: a longa duração”, onde ele apresenta a teoria das diferentes disposições do tempo histórico, ressaltando que “de fato, o historiador nunca sai do tempo da história: o tempo adere a seu pensamento como a terra a pá do jardineiro, ele deseja, seguramente, escapar-se”, enfatizando o tempo de longa duração (BRAUDEL, 1965, p. 288).

Ao historicizarmos o método e o objeto do historiador, entendemos que a história é uma dialética da duração, o que a torna estudo do social, de todo o social, assim portando, do passado, e do presente, um e outro inseparáveis, sendo assim, nossa concepção de história é fruto da historiografia dos Annales e em certa medida, corroboramos com a perspectiva braudeliana, quando afirmam que “a história apresenta-se como uma dimensão da ciência social, fazendo corpo com ela”, não em oposição, mas sempre em convergência (BRAUDEL, 1965, p. 17).

Ao delimitarmos esse esboço da historiográfica social, vemos a importância de analisar o quadro desenvolvido por Barros em seu artigo, já citado anteriormente, a fim de compreender como esses elementos expostos podem nos ajudar, mas levando em conta que são:

apenas indicativos de uma quantidade de campos que não teria fim, e qualquer um poderá começar a pensar por conta própria as inúmeras possibilidades. Tal como se disse, os critérios de classificação que estabelecem domínios da História referem-se primordialmente às temáticas (ou campos temáticos) escolhidas pelos historiadores. São já áreas de estudo mais específicas, dentro das quais se inscreverá o objeto de investigação e a problemática constituídos pelo historiador (BARROS, 2005, p. 7).

Quadro 1: Subespecialidades da História Social



Fonte: Elaborado pelo professor José de Assunção Barros em seu artigo, “História Social: significados e seus caminhos”, o quadro busca reunir alguns dos objetos e âmbitos que poderiam ser pretensamente visados por uma subespecialidade chamada História Social.

Nossa pesquisa está inserida na área denominada por Barros de “circuitos de sociabilidade” devida a nossa propensão em nortear os meios educacionais, estando esses permeados pelas relações entre educadores, filósofos, políticos e outros sujeitos do movimento que ficou conhecido como “Escola Nova”, nome dado ao periódico que utilizarei como fonte, e que será apresentado na segunda parte deste trabalho. Tendo em vista as especificidades da área e, todavia, salientando a sua importância para a compreensão dessas subespecialidades da história social, pretendemos neste trabalho, fazer uso do conceito de intelectual e de redes de sociabilidades elaborados pelo historiador francês Jean-François Sirinelli.

Movimento Escola Nova

O movimento escolanovista foi um grande marco para a educação brasileira, além disso, nos legou um riquíssimo material produzido advindo dessa fase. Já se aproxima o centenário desse movimento que eclodiu na década de 1920 e teve sua força estendida pela década de 1930.

Um dos responsáveis de maior renome na educação no início do século XX, foi o filósofo e educador estadunidense John Dewey, um dos precursores do movimento escola nova. Para ele, a escola deveria assumir um papel participativo na transformação da sociedade, rompendo com a visão tradicionalista da educação. Com isso, o movimento encabeçado por ele visava uma educação direcionada para o aluno, levando em conta as experiências e práticas que o permeavam. Dewey desenvolveu uma filosofia que advogava a unidade entre teoria e prática, unidade de que dava exemplo em sua própria ação como intelectual e militante político.

Através desse ideário, vários educadores como, Anísio Teixeira que estudaram com Dewey, lançaram nesse movimento e vários desdobramentos foram possíveis de se notar, como as reformas ocorridas em vários estados, com as legislações que foram criadas ou que sofreram modificações e as mudanças estruturais e sociais que foram percebidas através do crescimento da população escolar.

Assim sendo, percebemos uma gama de fontes que foram perscrutadas durante essas décadas no intuito de esmiuçar todo esse período, deparamos com vários historiadores, educadores, pedagogos, filósofos, entre outros profissionais que tiveram como base de suas pesquisas esse cenário educacional que propiciou uma renovação na maneira de compreender a escola, os alunos, a educação e estado.

Sociabilidade

Há duas acepções que são usadas na definição de Intelectual de Sirinelli que nos ajudam a entender o panorama vivenciado dentro da revista, uma ampla e sociocultural,

e a outra estreita e baseada na noção de engajamento. Na primeira, descreve a incumbência do intelectual como jornalista, escritor, professor secundário como erudito, assim sendo possível abarcar todos os autores a qual participaram das redes de sociabilidade vivenciadas no interior da revista. Já a segunda acepção é estreita e baseada na noção de engajamento do intelectual, que detém notoriedade ou sua especialização, que precisam ser reconhecidos pela sociedade em eles vivem.

Por isso, muitas vezes essas acepções eram difíceis de determinar, ao ponto que o próprio Sirinelli define que “o estudo dos intelectuais como atores do político é por todo complexo” (2003, p.244). Para tanto seu âmago,

constitui, [...] um pequeno mundo estreito onde os laços se atam, por exemplo em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo “redes” para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de perceber do que parece (SIRINELLI, 2003, p. 248).

A complexidade em delinear as redes de sociabilidade é em função da quantidade de entrelaçamentos que ela perpassa, diferente de um circuito que descreve o exercício de uma prática e que muitas vezes não fornecem uma proximidade entre seus pares, as redes, estruturam-se e fragmentam de tal forma que é preciso uma análise esmiuçada do seu entorno para perceber suas linhas. Por isso optamos pela análise da revista *Escola Nova* de 1930/1931, produzida pela diretoria geral da instrução pública de São Paulo, que era chefiada pelo diretor, Manoel Bergstrom Lourenço Filho, elaborada com o intuito de exposição e críticas dos assuntos educativos, corroborando assim para uma coordenação da nascente cultura pedagógica nacional, elucidando a necessidade da renovação da educação. Cada seção, cada número, cada detalhe foi pensado com esse propósito, a iniciar pelo próprio nome da revista, que se chamava, Educação, após a entrada do diretor ocorre essa conversão.

Este emaranhado de transformações que perpassaram o interior da revista, são repercussões do contexto a qual o país estava envolto, vivenciamos nas primeiras décadas do século XX uma onda de reformas nos meios educacionais, que refletiam uma ânsia pela modernização da educação. Neste contexto, as revistas de ensino conferiam o que Sirinelli chama de estrutura, que favorece ao campo intelectual forças antagônicas de adesão e de exclusão.

Dessa forma corroboramos com o pensamento de Denice Barbara Catani, ao discorrer sobre a especificidade das revistas de ensino, que eram veiculadas com informações sobre o *métier* dos profissionais da educação, apresentando uma série de debates incisivos que cercam o campo educacional.

Ao examinarmos a nossa fonte percebemos que em uma de suas seções, havia algo que incitou nosso sentido, ou como Marc Bloch vai dizer,

por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça (BLOCH, 2002, p. 54).

Assim sendo analisamos a seção “Através de Revistas e Jornais”, de todas as publicações da revista que elencamos como fonte², percebendo que a estrutura desta seção foi construída em torno de elementos de poder estabelecidos, com o intuito de consolidar as ideias apresentadas na revista, utilizando de periódicos de três estados diferentes do país e de um periódico da argentina, que traziam reportagens incisivas e contundentes as quais enfatizavam e legitimavam seus discursos.

A primeira publicação da Revista Escola Nova foi lançada em outubro de 1930, e traz na sua sessão uma entrevista concedida ao Jornal Estado de São Paulo pelo então Secretário do Interior do Governo Provisório do estado paulista, José Carlos de Macedo Soares. O qual reverbera a essência do movimento escolanovista brasileiro; com seus intelectuais, seus ideários, e seu *modus operandi* que delinearão todos os artigos desta publicação. E na fala do secretário fica explícito o anseio pela reforma e modernização da estrutura do ensino, tendo como uma das premissas o professorado.

Quanto a reforma pedagógica, queremos incentivar o estudo dos professores, por um serviço de assistência técnica, sem imposição de processos rígidos, com até agora se fazia. O mestre precisa pensar e criar por si. Precisa ter autonomia didática dentro, está claro das boas normas e da eficiência do serviço e do

² Esta fonte está disponível para consulta no Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina, infelizmente não foi possível encontrar o volume 1, número 2-3, de novembro-dezembro da revista, já foi realizada uma busca em outros acervos e repositórios das universidades do país em busca desse exemplar, mas não obtivemos êxito, isso não implica que a análise feita da fonte está prejudicada, simplesmente era desejo do autor de fazer essa investigação completa da fonte.

respeito dos princípios científicos. (*Revista Escola Nova*, 1930, v. 1, n.1, p. 76).

Na segunda sessão apresentada, percebe-se que o foco agora era o aluno, uma das características do movimento escolanovista, que visavam a centralidade desse agente social, por isso trazem uma reportagem do Jornal Folha da Manhã, do Estado de São Paulo, onde o intelectual Theodoro de Moraes vinha corroborar com os ideários do movimento, sendo ele, um educador atuante na conhecida pedagogia moderna, que ganhava forças no início da década de 1930.

A escola é um dos serviços da vida social. Socializar o educando, identificando-o com o meio em que nasceu e vive [...] O aluno é um membro da sociedade. Levemo-lo a esta descoberta e compreensão, não por provérbios que lhe escapam, se não por ações vivas, fortalecedoras, que ele próprio execute e o iniciem no aprendizado ativo que o fara sair da conduta egocêntrica para a social. Se, a escola, centro da vida coletiva não fizer de cada aluno um produtor e cooperador, terá mentido a sua finalidade. (*Revista Escola Nova*, 1931, v.2, n.1-2, p. 234).

Na mesma publicação, percebemos o discurso o qual corrobora com a nossa visão de uma constituição de redes de sociabilidade, o periódico Jornal da Noite, traz em suas páginas o seu posicionamento a favor da Diretoria de Ensino, ou seja, do governo.

O atual governo paulista tem, pelo menos, uma virtude: a de demonstrar a boa-fé, e a sinceridade que o animam, a razão que o leva a esclarecer sempre todos os seus atos. Ainda ontem, aqui mesmo [Jornal Folha da Noite] tivemos um exemplo. Como recebêssemos uma denúncia anônima contra a Diretoria de Instrução Pública, por um dever de ética profissional, ao em vez de acolhê-la sem mais exame, tratamos de levá-la, antes, ao conhecimento do professor Lourenço Filho, a fim de que o diretor do Ensino nos esclarecesse sobre sua veracidade ou a sua improcedência. Imediatamente o professor Lourenço Filho se pôs às ordens do nosso representante, respondendo com clareza a todos os itens da denúncia e fazendo mesmo questão de resolvê-los nos seus mínimos detalhes. Verificando assim que tudo não passava de uma queixa sem fundamento, pois cabais e definitivas foram as explicações que nos deu o diretor do Ensino. Esse ambiente de franqueza e de sentimento das responsabilidades é sem dúvida um dos melhores serviços que a Revolução tem prestado a São Paulo. (*Revista Escola Nova*, 1931, v.2, n.1-2, p. 241-242).

Além disso, percebemos que os periódicos eram utilizados como veículos de propaganda, e, no que tange à questão política, a imprensa fomentava debates e intrigas. Segundo Nelson Werneck Sodré,

a preocupação fundamental dos jornais, nessa época, é o fato político. Note-se: não é a política, mas o fato político. Ora, o fato político ocorre, então, em área restrita, a área ocupada pelos políticos, por aqueles que estão ligados ao problema do poder. Assim, nessa dimensão reduzida, as questões são pessoais, giram em torno de atos, pensamentos ou decisões de indivíduos, os indivíduos que protagonizam o fato político. Daí o caráter pessoal que assumem as campanhas; a necessidade de endear ou de destruir o indivíduo. Tudo se personaliza e se individualiza. Daí a virulência da linguagem da imprensa política, ou o seu servilismo, como antípoda (SODRÉ, 1999, p.277).

Em uma de suas conferências destinadas aos professores e professoras do Estado de São Paulo, Anísio Teixeira destacou o valor da imprensa na propaganda da Escola Nova,

Devo dizer que me impressiono admiravelmente [com] o interesse que a imprensa em São Paulo manifesta pelo problema da educação. A contribuição que poderá ela dar a solução do problema é inestimável no sentido de preparar o espírito público para as reformas indispensáveis a conquistar-lhe a colaboração na execução das mesmas. (*Revista Escola Nova*, 1931, v.2, n.3-4, p. 389).

Algo que nos instigou a desemaranhar essas redes de sociabilidade nas páginas da *Revista Escola Nova*, além da abundância de periódicos utilizados nesses entrelaçamentos, foram os discursos incisivos das matérias e a convergência das relações dos indivíduos nesses lugares. Salientamos a respeito dessa influência nos espaços de sociabilidades da revista, ao ponto de legitimarem seus ideários, orientando de forma compreensiva pelas suas ações sociais.

É evidente que no terceiro decênio do século XX a imprensa no Brasil começava a ganhar uma nova roupagem, a estrutura empresarial começava a ganhar corpo, nessa perspectiva capitalista os donos dos periódicos começam a disputar clientes e a essência do capitalismo começa a desabrochar, essa argumentação que desenvolvo é voltada a reiteração da diversidade de periódicos sendo usados com o mesmo fim, muitos que eram “inimigos comerciais”, estavam sendo empregados na pertinácia do discurso de legitimidade das matérias publicadas na revista.

Decerto quando Sirinelli apresenta essa conceituação de redes de sociabilidade ele falava de um local social determinado pela temporalidade e pelas experiências vividas até então, por isso ao pensarmos as revistas de ensino – que eram destinadas ao um público específico e especializado – conferimos a elas uma estrutura que por meio de forças

divergentes que a medida que se relacionam na sociabilidade da revista começam a convergir. É evidente que os fatores responsáveis por este processo são inúmeros como; finalidades conceituais, ideológicas, políticos ou religiosas, “em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade” (SIRINELLI, 2003, p. 249).

Considerações Finais

Evidentemente deixaremos que o leitor procure construir uma resposta ou não para a indagação proposta no início do texto, por um aluno de graduação, e que foi pertinente a todos aqueles que se orientem por essa bela arte que é a disciplina história. A educação é arma que desarma o cidadão, em tempos de violência essa frase parece não soar bem, ainda mais pensando naqueles indivíduos que a todo tempo tratam ela como penduricalho.

A medida que buscamos entender o sentido da sociedade passamos a não compreender o seu significado, Burke nos ensinou que para escrever sobre a sociedade ele precisou adentra-la, assim conseguiu extrair dela a essência que estava envolta de camadas, como em uma cebola, que ao ser ferida por uma lâmina exala um gás que se transforma em um sistema de defesa, contra seus algozes.

A analogia nos ajuda a compreender que a sociedade é a cebola, repleta de camadas a serem conhecidas, que nós historiadores somos essa lâmina que avança sobre esse objeto de pesquisa e o tempo histórico é essa reação em forma de gás que nos impele a declinar, mas que não obtenha vitória.

Do mesmo modo que compreendemos que acepção da sociabilidade pode ser entendida através dessas redes – e não de circuitos – percebemos que essas estruturas sociais que se entrelaçam são permeadas de elementos afetivos, ideológicos, políticos, culturais e que esses são fatores de congruência na problemática da pesquisa.

Portanto como vimos a imprensa é um celeiro oportuno para continuar a ser visitado e revisitado pelos cientistas das humanidades, independentemente do contexto, do problema a ser esmiuçado, essa fonte histórica é como vinho, quanto melhor armazenada, melhor será apreciada.

Fonte

Revista Escola Nova. (Segunda fase da Revista Educação) Órgão da Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo. São Paulo, n. 1, v. 1. out./1930. Fonte disponível no Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. n. 1 e 2, v. 2. jan./fev. 1931.

_____. n. 3 e 4, v. 2. mar./abr. 1931.

_____. n. 1 e 2, v. 3. mai./jun. 1931.

_____. n. 3, v. 3. jul./1931.

Referências

BARROS, José D'Assunção. **A História Social: seus significados e seus caminhos.** In LPH - Revista de História da Universidade Federal de Ouro Preto. N° 15, 2005; p.235-256.

BARROS, José de Assunção. **A História Social: seus significados e seus caminhos.** LPH - Revista de História da UFOP. n° 15, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321024813_A_Historia_Social_seus_significados_e_seus_caminhos. Data de acesso em 22/06/19.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.

BRAUDEL, Fernand. História e Sociologia. **Revista USP**, n.61, v 30, 1965. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123302>. Data de acesso em 24 de junho de 2019.

_____. História e Ciências Sociais, A longa duração. São Paulo, **Revista de História**, n.62, v,30, abr/jun, 1965. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoriia/article/view/123422/119736>. Data de acesso em 24 de junho de 2019.

BURKE, Peter. **História e teoria social.** São Paulo, Editora Unesp, 2002.

CASTRO, Hebe. História Social. In; CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CATANI, Denice Barbara. A Imprensa Periódica Nacional: As Revistas de Ensino e o Estudo do Campo Educacional. **Educação e Filosofia**, São Paulo, n. 10, jul./dez. 1996.

HOBBSAWM, Erick. **From Social History to the History of Society**. Daedalus, v.100, n.1, Historical Studies Today (Winter, 1971), pp. 20-45. Disponível em <https://student.cc.uoc.gr/uploadFiles/1110-BE12K/HOBBSAWM%20-%20From%20social%20history%20to%20the%20history%20of%20society.pdf>. Data de acesso em 22/06/2019.

LUCA, Tânia de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

MONARCHA, C. **Repertório de revistas de educação e ensino (São Paulo: 1892-1944)**. Relatório de pesquisado apresentado Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo: 02/13091-0, biênio 2003-2005.

OLIVEIRA, Carla Montefusco de. **Método e Sociologia em Weber: Alguns conceitos fundamentais**. Revista Eletrônica Inter-Legere, n.03, jul/dez, 2008. Disponível em https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/18501/1/Methodo%20e%20sociologia%20em%20weber_alguns%20conceitos%20fundamentais.pdf. Data de acesso 24 de junho de 2019.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SOARES, Maria Susana Arroso (org). A Educação Superior no Brasil. Instituto Internacional para a Educação Superior na América Latina e no Caribe – IESALC, UNESCO. Porto Alegre, nov, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed., Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2000.

XAVIER, Libânia Nacif. Oscilações do público na história da educação brasileira. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 5 jan./jun. 2003.